

Narração

(0:38) Há um olhar que sabe discernir o certo do errado e o errado do certo. Há um olhar que observa quando a obediência significa desrespeito e quando a desobediência significa respeito. Há um olhar que reconhece os curtos caminhos longos e os longos caminhos curtos. Há um olhar que desnuda, que não hesita em afirmar que existam fidelidades perversas e traições de grande lealdade. Este é o olhar da alma.

(02:02) Alma Imoral nasce no período que eu lia sobre psicologia evolucionista, que aponta a moral como instrumento importante para a preservação da espécie humana. E eu pensei o contrário, o que acontece quando esse corpo moral se torna estreito? Quando ele se faz um obstáculo na nossa espécie, como se dá esse processo imoral? De transcendência, de transgressão, para que essas fronteiras sejam ampliadas. Esta série é sobre as almas imorais, pessoas do nosso tempo, que da minha tribo e ao mesmo tempo com uma dimensão universal, representam esses esforços, por expandir as fronteiras da nossa consciência e produzir a possibilidade de um futuro melhor.

(03:01) A primeira porta em que fui bater, foi do meu querido mentor Zalman Schachter, nascido na ortodoxia, nas tradições e que se defrontou com os anos 60, anos de novas relações sociais, novo olhar para a sexualidade, onde os próprios psicodélicos representavam o desejo de ampliação da consciência.

Zalman Schachter

(03:26) Eu rezo para que Deus ajude, que tudo que fazamos seja sempre bom, que não haja nenhum problema de pós produção, e o que estamos tentando fazer aqui, irá tocar os corações das pessoas que irão assistir isso e que abram seus corações para se tornarem agentes pelo bem do planeta. Digam amém.

Vozes de fundo

(03:50) Amém.

Narração

(04:08) A compreensão bíblica de corpo e alma, é diferente da concepção de Darwin ou da psicologia evolucionista, ela inclui uma outra dimensão da missão animal além da procriação, sua natureza transgressora.

(04:33) A alma jamais representou o elemento moral e patrulhador dos bons costumes, ao contrário, eles são representados pelos interesses do corpo, das leis, do comprimento estabelecido, maior interesse do corpo é sempre a preservação.

(04:58) Toda a moral, toda tradição, toda religião e toda lei, são produtos do corpo moral de um animal moral, e toda a sociedade está voltada para vestir a nudez do ser humano.

(05:17) Capaz de romper com os padrões e com a moral, a alma é componente consciente da necessidade de evolução. Só a alma transgressora, só a traição ao corpo moral resgata a verdadeira possibilidade de imortalidade.

(06:35) Deus sabe que no dia que dele comeste, se abrirão os vossos olhos e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e deu também ao seu marido e ele comeu também, então foram abertos os olhos de ambos e conheceram que estavam nus. Ao comer a maçã, o corpo foi empurrado para fora do seu habitat natural pela alma, compromisso inquestionável com a reprodução, o cresci e multipliquei é a própria definição de corpo. Já a alma é desobediência, o ato de comer o fruto da árvore proibida. Entretanto a tradição judaica não aponta essa atitude como sendo um pecado original, mas apenas como marco da primeira desobediência registrada na consciência humana.

(07:38) Adão e Eva eram até a realização desta desobediência, macacos, sua transformação em seres humanos e o surgimento da consciência acontecem quando desobedecem. Neste momento o ser humano conheceu a sua alma, a sua parte mutante e transgressiva, se deu conta que a sua existência ia além de cumprir desígnios e instintos e que ao arriscar transgredir, se encontrava também a possibilidade de transcender.

(08:47) Esse momento que é marcado como início da consciência, que é a história de Adão e Eva, o texto bíblico é bastante claro, a consciência vem de um lugar crítico, um lugar onde existe interdições, onde o ser humano reconhece coisas que não devem ser feitas, descoberta da nudez, uma nudez que não existe na natureza, natureza não conhece nudez. E essa descoberta é obviamente parte dessa estrutura crítica que o ser humano desenvolve. E como tudo na vida, como tudo que você vai usufruir, que você vai ter acesso, mas sempre tem um lado sombrio, e é isso que a história revela. Por um lado uma dimensão que é tudo um início de uma história que desemboca em nós e no futuro que nós vislumbramos para o ser humano, e em outros sentidos, essa ambivalência em relação ao nosso corpo, a nossa dificuldade em reconhecer a imperfeição, no nosso próprio corpo que é o que nos incomoda na nudez, por tanto aí uma complexidade que é ganha, justamente em um lugar que é paradisíaco, um lugar que é totalmente da inocência, onde não existe nudez, não existe bem e mal, não há nenhuma forma de discernimento, e esse discernimento é tanto pelo material que nós vamos construir a nossa história e é o grande instrumento do ser humano, da nossa mente, ao mesmo tempo é o lugar que nos apequena.

(10:48) Tikkun é uma das revistas mais respeitadas no mundo judaico e também uma das mais controversas, onde seus criadores, o rabino Michael Lerner, defende o direito da ação política progressista entre os judeus, e uma leitura das questões religiosas engajadas pelas questões sociais.

Michael Lerner

(11:08) A rede social da Tikkun, foi criada em parte depois do trabalho do instituto voltado para saúde mental e nós éramos tecnicamente deste instituto e eu sou o diretor executivo do instituto. E nós fizemos um estudo de 10 anos sobre dinâmicas psicológicas entre a sociedade

americana, e chegou um tempo em que a classe média trabalhadora estava mudando seus conceitos políticos para a direita e a pergunta que estávamos fazendo era “Por que isto está acontecendo?” A esquerda não era a resposta, a resposta era que a classe trabalhadora estava mudando para direita porque eles eram racistas, homofóbicos, sexistas ou estúpidos, e uma dessas é a explicação dependendo com quem você está lidando. Mas aí nós começamos “Porque estúpidos?” Bom, eles estão agindo contra os próprios reais interesses, e o que eles querem dizer com isso é que estes políticos da direita obviamente não estão apoiando seus interesses econômicos, mas a esquerda está e aí as pessoas estão mudando da esquerda para a direita.

(12:09) Então nós começamos a pesquisar sobre isso e descobrimos depois de ter lidado com várias pessoas na nossa pesquisa, é que a esquerda estava errada e que tinha uma crise espiritual muito profunda na nossa sociedade, uma crise que era baseada no materialismo e no egoísmo que as pessoas aprendem todos os dias através do trabalho, eles aprendem que o ponto principal é maximizado pelo dinheiro e pelo poder, eles aprendem que para seguir adiante é preciso manipular e controlar outras pessoas, que você tem que ir para frente através dos esforços de outras pessoas e ninguém no ambiente de trabalho está ali para te proteger, todo mundo basicamente está ligado em seus próprios interesses, então isso começou a ser internalizado como ética de trabalho, que é a ética do mercado capitalista, e então trazer isso para a vida pessoal e quando as pessoas trazem isso para vida pessoal, eles não conseguem sustentar relacionamentos amorosos, eles começam a questionar a família, pessoas começam a aprender a olhar para outras primeiramente e perguntar “o que você pode fazer por mim?” “o que tem aí para mim?” “como posso tirar alguma vantagem disso”.

(13:21) E então eles votam em candidatos da direita porque os candidatos da direita estão falando sobre essa crise espiritual da sociedade, eles estão falando sobre a ruptura da família, eles estão falando sobre o senso de importância da vida e da igreja, enquanto que a esquerda apenas fala sobre engajamentos econômicos e direitos políticos. Nós apoiamos totalmente a esquerda em seus engajamentos econômicos e direitos políticos, mas nós começamos a tentar explicar para a esquerda que eles também precisavam falar sobre essa crise espiritual na sociedade americana. A fome que as pessoas tinham por significado, primeiramente chamamos de significado político, agora chamamos de progresso político espiritual, mas essa fome por significado e propósito está espalhada por toda a sociedade, não que as pessoas não se importem com dinheiro, lógico que elas se importam, mas muito do que aprendemos com a nossa pesquisa é que as pessoas estão lutando por mais dinheiro como uma forma de compensar uma vida que elas acham que não tem mais sentido sem dinheiro. E o que eles fantasiam são as férias, “quando eu estiver cansado, terei algum dinheiro, então eu irei fazer o que eu acredito, porque agora eu estou preso no trabalho onde eu não posso fazer muita coisa”

Narração

(15:09) Em 1953, o casal Julius e Ethel Rosenberg é executado nos Estados Unidos sobre acusações de passarem informações sobre a bomba atômica para os soviéticos, mantém sua integridade em suas questões políticas e morrem lutando por uma crença maior do que sua própria existência.

FILHOS DE JULIUS E ETHEL (Michael Meeropol e Robert Meeropol)

(15:34) Meus pais foram presos quando eu tinha 3 anos e mortos quando eu tinha 6, meu irmão é mais velho do que eu 3 anos, então ele entendeu muito mais.

(15:46) Eu tinha 7 anos quando Julius e Ethel foram presos, os visitei na prisão quando eu tinha 8 e eu tinha 10 anos quando eles foram mortos.

(15:54) Só para deixar claro, meus pais foram condenados sob acusação de espionagem. Eles foram acusados de espionagem, de traição. A diferença entre a acusação de conspiração da acusação de espionagem, é que a conspiração significa que são duas pessoas ou mais que planejam fazer algo, então é um tipo grande de acusação, é na verdade mais fácil de obter uma convicção, e em alguns lugares existe a pena de morte associada a isso porque a ideia de conspiração é de grupos que se reúnem e conspiram coisas secretas e eles podem ser particularmente perigosos.

(16:33) Porque Julius simplesmente não disse “olha, eu fiz, mas a minha esposa não tem nada a ver com isso”? Isso me parece que não teria nenhum efeito, não funciona porque o governo a colocaria em sentença de qualquer forma, porque a única coisa que o governo quer não é uma confissão, eles querem nomes e isto seria uma séria traição para eles, uma traição para as pessoas que entraram nisso.

(17:05) O governo trapaceia para conseguir uma confissão, é deste jeito. Mas não é o mesmo de provar que meus pais eram inocentes, que eles realmente não fizeram aquilo, tudo que eu sei é que eles não deveriam ter sido acusados. Mas o que realmente aconteceu? Eu também sabia que eles não tinham roubado os segredos da bomba do Vietnã, mas isso não significa que eles não tenham feito alguma outra coisa.

(17:31) No entendimento político, o acordo estava lá, no dia 6 de junho, eles chegaram na prisão e falaram “se vocês colaborarem, terão clemência. É o único jeito de vocês continuarem vivos, colaborar”

(17:48) Me parece que Julius estava envolvido em um grupo de jovens, em sua maioria homens e judeus nos anos 1940, começando por ajudar a União Soviética a derrotar os nazistas. Eles conseguiram ter acesso a informações confidenciais, algumas delas eram informações confidenciais militares.

(18:12) 1995, os arquivos começam a ser descriptografados pela segurança nacional e se tornam públicos. Robbie e eu escrevemos algo que nunca chegou a ser publicado, mas, eles basicamente disseram “isto talvez não seja verdadeiro”, por outro lado, se for verdade, isto é o que é, e por 11 anos nós ficamos presos nesta balança de ser verdade ou não ser verdade.

(18:34) As coisas mudaram em 2008 quando o defensor dos meus pais veio a público e disse “Sim, Julius e eu ajudamos a União Soviética”

(18:42) Os repórteres da New York Times publicaram esta ridícula matéria “Rosenberg basicamente admite que o pai era um espião”, nós não estávamos mais no basicamente, nós estávamos felizes que enfim tivemos alguma clareza e podemos dizer “Ok, agora o que iremos pensar sobre isso?” E então nós viemos com a nossa visão sobre o que nós pensávamos sobre isso e como eu disse antes, eu realmente penso que não foi tão ideológico quanto “estes são meus amigos, eu os envolvi nisso, com certeza não irei atirá-los embaixo de um ônibus, eu vou tomar a culpa”

(19:25) A repressão contra eles era tão desproporcional, mas essa é apenas uma verdade para a questão que eles eram uma ameaça para estabelecimento da ordem, não porque eles estavam roubando segredos militares, mas porque eles estavam vivendo uma outra alternativa, e isso teria que terminar. Em muitos sentidos isso é mais básica transgressão do que roubar os papéis secretos militares.

Pergunta

(19:53) Como você e seu irmão se relacionam com isso? Porque ele não estava sendo um bom soldado, ele não estava sendo um bom chefe de família.

(20:05) Bom, eu acho que esta é a pergunta mais difícil. Você sabe, por que alguém com filhos pequenos resolve se envolver neste tipo de ação? Eu consigo entender dos dois lados as decisões que as pessoas fazem, em muitas maneiras as pessoas tomam uma ação, assim como meu pai fez, para benefício de seus filhos, não para machucar seus filhos. Eles querem que seus filhos cresçam em um mundo do qual possam sobreviver e ser potentes. Se os nazistas ganharem, eles não poderão ser potentes.

(20:49) A prisão ocorreu em julho de 1950. Até agosto de 1952, talvez novembro, nós estávamos vivendo com a nossa avó materna, ela apoiava o David e dizia coisas horríveis sobre nossos pais, nós tivemos um período péssimo lá. Então nós acabamos indo para um abrigo que nós odiamos, eu odiei mais porque eu era ruim para comer e se eu não comesse tudo que estava na mesa, eu não comeria nada, então eu comecei a passar fome por algumas refeições. As pessoas que trabalhavam lá eram mal pagas, não eram profissionais, eles faziam muitos castigos físicos, o que é muito ruim. Nós estivemos lá de novembro até junho, quando nós fomos morar com a nossa avó paterna, nós vivemos com ela por 1 ano e começamos a visitar nossos pais na prisão, nós tínhamos visitas regulares, mas ela estava tendo problemas em cuidar da gente, então eles decidiram nos mudar para Nova Jersey com família e amigos, onde nós vivemos por 1 ano, incluindo o mês que eles foram mortos. Fomos à escola naquele ano, aquele foi um ano difícil porque meu nome era Michael Rosenberg e alguém chamado Bruno Bajo assinou minha avaliação e perguntou “Onde estão seus pais?” e eu respondi “Ah eles estão em uma turnê mundial sabe”, um tipo de coisa assim, difícil. “Ei Michael, você tem parentesco com aqueles dois espiões?” e eu dizia “Não”, e eu não estava mentindo porque para mim eles não eram espiões, mas eu me odiava, eu literalmente me odiava por ter que

recusá-los e aquilo era terrível. Então, uma das melhores coisas de ter mudado é que nós tínhamos novos nomes, não tínhamos que negar quem éramos.

(22:33) Eu tenho uma tremenda dívida com as pessoas que me salvaram, ao invés de me ver como um devedor, eu me via como alguém devendo uma dívida, parte dela é para Abel Meeropol. Abel Meeropol era um escritor, e ele escreveu o famoso, épico hino “Strange Fruit”, Billie Holiday popularizou e agora já foi reproduzido mundialmente. A revista dos Estados Unidos, a Time, fez uma grande publicação, agora estas revistas estão meio que sumindo, mas eles publicaram que esta música era a música do século, no ano 2000. Essa é uma música sobre linchamento, e para o Abel, o caso dos Rosenberg era um linchamento ilegal.

Narração

(23:52) Acatando a sugestão do pintor Marc Chagall, Franz Krajcberg veio morar no Brasil, aqui fará da sua arte um grito de alerta para o holocausto dos indígenas e o progresso predatório que destrói a natureza.

Franz Krajcberg

(24:32) Perto da fronteira da Rússia na Polônia, eu vi um pequeno campo de concentração, o que eu vi lá, se eu falar eu começo a chorar.

Pergunta

(24:58) Franz, deixa eu te perguntar, o teu trabalho, essa história que você tem, essa história toda. Como mistura essa história com Europa, holocausto e ecologia?

Franz Krajcberg

(25:14) Foram muitos meses na Amazônia, porque eu me interessei pela saúde do planeta. Eu me encontrei no Rio Negro e de repente vimos fogo, eu olho assim, vejo uma índia e a filha, viraram uma escultura, tudo queimado. Essa foto eu mostrei em Tavo, todos na sala levantaram, gritando sem parar, a revolta contra esse massacre contra os índios.

Pergunta

(26:09) No Mato Grosso, você viu índios pendurados enforcados?

Franz Krajcberg

(26:14) Sim

Pergunta

(26:15) No Brasil, ver isso no meio da floresta, qual é o teu sentimento?

Franz Krajcberg

(26:19) Isso foi em Juruena. Eu vi uma nuvem no céu, eu mandei meu barco até lá, eu desci do barco mas não foi fácil tanta chama que tinha, eu fechei meus olhos, fiz um voto, virei e fui embora.

(27:06) Eu pego o resto de queimadas e trago até a Amazônia para fazer esculturas que gritam.

(27:25) Eu me interesso muito pela vida, pelo planeta e pelo homem. Não gosto que separem, não aguento mais ver esse racismo que tem contra gente, isso eu não aguento. A passividade aqui me machuca muito.

Narração

(28:07) O Rabi Ochura, filho do Rabbi Ranina, disse “Certa vez uma criança arrebatou o melhor de mim, eu viajava e me encontrava diante de uma encruzilhada, vi então um menino e o perguntei qual seria o melhor caminho para a cidade, ele respondeu: Este é o caminho curto e longo, e este o longo e curto. Tomei o curto e longo e logo me deparei com obstáculos intransponíveis, jardins e pomares. Ao retornar, reclamei: Meu filho, você não disse que esse era o caminho curto? O menino então respondeu: Porém eu te disse que era longo”

(28:48) A trilha da sobrevivência, a mesmice muitas vezes é o caminho curto e simples, que tem os custos mais elevados. Ir pelo caminho mais simples e mais curto é uma lei evolucionista, os corpos se movem na direção mais imediata e curta, os galhos buscam a luz, o animal, a água, mas sua inteligência interna, sua alma, está atenta às suas modificações. As espécies sobreviventes, são aquelas que souberam fazer opções pelo longo caminho curto. Nossos mecanismos de detectar se são curtos-longos ou longos-curtos, apontam novos inícios de relações de trabalho, amor ou amizade. A coragem está em ouvir o menino das encruzilhadas, a alma.

Narração

(30:08) Susannah Heschel luta por uma reinterpretação teológica que transforme o lugar das mulheres no judaísmo moderno. Ela é filha de Abraham Joshua Heschel, um dos maiores pensadores do judaísmo no século 20. Pioneiro no ativismo político nos Estados Unidos na década de 60, lutou contra a guerra e a segregação racial.

Susannah Heschel

(30:32) Meu pai teve uma excelente relação com Dr King (Martin Luther King), eles tinha uma forte amizade pessoal, um laço, que se estendeu para a família também. O senhor King e sua filha foram muito boas comigo depois que meu pai faleceu, era muito claro para mim que eles amavam meu pai. Durante os protestos contra a guerra no Vietnã, as pessoas falavam “O presidente sabe o que é melhor”, eles diziam para o meu pai “Como que você pode protestar, o presidente sabe o que está fazendo, não é certo que você objetifique um presidente eleito, como você consegue criticar o presidente”. Meu pai apontou uma passagem na bíblia em quem Abraão desafia Deus sobre a destruição de Sodoma e Gomorra e ele disse “Se Abraão pode desafiar Deus, com toda a certeza eu posso desafiar o presidente”. Mas no geral meu pai estava muito mais chateado sobre as atrocidades cometidas no Vietnã, ele foi até uma demonstração uma vez e um jornalista nada amigável disse a ele “O que você está fazendo aqui?” E meu pai respondeu “Eu estou aqui porque não consigo rezar” e o jornalista disse “O que? Você não consegue rezar e vem até uma demonstração contra a guerra no Vietnã?” e

meu pai disse “Quando eu abro meu livro para rezar, eu vejo imagens de crianças queimando, como eu posso rezar assim?”

(31:57) Eu sou filha única, sou uma garota e eu dizia aos meus pais “Se é tão importante estudar ou rezar, eu deveria estar 100% imersa nisso, se eu não posso ser parte disso, então você não pode dizer que são coisas importantes”. Em termos do meu trabalho com o feminismo, isso começou quando eu ainda era muito nova, quando as coisas ficaram muito claras para mim que Deus não me queria sentada atrás da cortina em uma sinagoga ou na cozinha e não participar totalmente da vida judaica.

Narração

(32:37) Pós-doutora em Filosofia, escritora premiada, Rebecca Goldstein se especializou na trajetória de Baruch Spinoza. Além de obras acadêmicas, ela escreveu livros de ficção em que os personagens enfrentam problemas ligados a fé e a capacidade de entender os mistérios do mundo físico.

Rebecca Goldstein

(33:01) Eu cresci sendo bem ortodoxa, sou de uma família que tem uma linhagem extensa de rabinos, meu irmão é um rabino ortodoxo e eu não vivi 100% nenhum tipo de sentimento de amargura ou desgosto, além de amor, eu amava o mundo do meu pai, eu amo meu pai e eu amava aquele mundo, mas eu sempre pensei, e você sabe, você se questiona: se eu fosse um garoto, eu ainda estaria com eles totalmente. Eu acho que eu gostaria de ter estudado Torá, eu tenho uma cabeça para isso com filosofia analítica, o que tem muito a ver. Mas aquilo era fechado para mim por ser uma menina. Quando meu pai percebeu que eu tinha aquele tipo de cabeça, ele me ensinava, sem ninguém saber porque ninguém podia saber, era uma transgressão na comunidade.

(34:17) Enfim, eu achava isso muito intolerante, eu não queria ser tratada daquele jeito, eu era uma pessoa que queria estudar, seja lá qual for o estudo, eu descobri a ciência ainda muito jovem, amei, absolutamente amei. Um dia eu estava na escola e era uma aula sobre a história do judaísmo e nós estávamos estudando sobre “majority”, algo que éramos contra desde a Babilônia, a história era contada por Baruch Spinoza, que era um menino do século 17 de Amsterdã do qual fazia parte da comunidade judaica e traumatizou a comunidade judaica, nossa comunidade na época ficou muito traumatizada pela inquisição. E o Spinoza questionava muito o judaísmo. Ele era um garoto muito inteligente, ele tinha a melhor educação e ele se rebelou, ele traiu e ele foi expulso da comunidade, e então ele caiu no Cristianismo da Europa, onde ele também foi condenado, ele era uma desgraça. Mas então a professora disse que era uma história de alerta e eu achei que era algo relacionado a mim e aí ela disse que ele não publicou nenhum dos seus pensamentos e questionamentos até que os pais já tivessem morrido por causa da paz do lar, algo que existe no judaísmo como “não causar controvérsias na família e desgraçar sua família” e eu me lembro, porque eu já não acreditava na crença, e eu me lembro de pensar “Eu vou ser igual ao Spinoza.” Este era exatamente o caminho certo a seguir, mas enquanto meus pais estivessem vivos, aquilo existia apenas na minha cabeça, eu não iria expor aquilo e era algo que eu tinha me prometido fazer e eu me mantive assim

(37:01) Todo mundo na minha casa sabia que eu não acreditava mais na crença, toda vez que minha mãe me cumprimentava, minha família iria até lá para refeição e eles levavam muito a sério isso, eles acreditaram mesmo na minha palavra. Teve uma vez que minha mãe veio até minha cozinha, e eu já era completamente ateu a essa altura e já ensinava filosofia, minha mãe se virou para mim e disse “eu estou muito orgulhosa de você, não acho que exista uma melhor cozinha do que a sua” e eu disse “nossa, é por isso que você está orgulhosa de mim?” E eu me mantive firme sobre não acreditar na crença, eu não queria ser hipócrita, às vezes uma ação pode remeter a crença.

Narração

(38:07) Sami Awad trabalha na resolução de conflitos através da não violência em uma ONG Palestina, luta para curar feridas históricas, e construir um futuro que faça da terra santa um modelo de igualdade e paz.

Sami Awad

(38:29) Meu pai é originalmente de Jerusalém e minha mãe é de Gaza, a história da minha família é mais a parte do pai, sua família era refugiada em 1948 quando o mundo quebrou, meu avô morreu na guerra, como civil, ele não estava envolvido em nenhum combate, e minha avó e seus 7 filhos se tornaram refugiados. A razão pela qual nós moramos Belém é que nós tivemos que sair de Jerusalém para vir morar aqui durante a guerra e logicamente a família não pôde voltar. A história da família é sem dúvidas trágica, mas ao mesmo tempo é a história da minha avó, pessoa pela qual eu devo tudo, ela foi uma mulher que acreditava plenamente em nós como família e nunca nos envolveria em nada que tivesse a ver com vingança e retaliação pelo o que aconteceu conosco, não ganharíamos nada em troca se agíssemos assim, mas ao mesmo tempo ela sempre insistiu nos conceitos de paz e reconciliação, essa era sua visão de justiça.

(39:37) Justiça para mim é quando nós fazemos paz e reconciliação com aqueles que cometeram injustiças conosco. Não é sobre vingança, não é sobre retaliação, não é sobre pegar de volta o que perdemos, construir a paz, reconciliar, é o melhor caminho de justiça que podemos ter como família. Eu cresci no contexto de que os palestinos estavam em ocupação militar, todos os aspectos de nossas vidas estavam sendo controlados por essa ocupação, não só nossos problemas com segurança, mas nosso dia a dia era determinado por procedimentos militares, e eu cresci em um meio ambiente muito desafiador porque a realidade em que nós crescemos, me deu brecha para odiar os israelitas pelo o que eles estavam fazendo conosco, os palestinos, o ódio era justificável pelo o que a gente estava vivendo no nosso dia a dia.

(40:31) Ao mesmo tempo, eu tinha esta avó e esta família que procuravam pela paz, faziam a paz com eles, e isso foi muito desafiador como você conseguia balancear narrativas que eram muito distintas, que não faziam sentido para mim, mas quando eu era muito jovem, um tio meu começou a se envolver neste ativismo sem violência, ele abriu um centro em Jerusalém chamado de “Centro Palestino para estudos da não violência”. No início dos anos 80, quando eu tinha meus 12 anos, eu fui introduzido nestes estudos da não violência e então comecei a

me engajar em atividades não violentas, me juntei a ele em protestos e demonstrações, plantava árvores, terras que seriam confiscadas, nós construímos assentamentos, e isto foi muito poderoso para mim, não só por participar destas atividades, mas pela primeira vez na minha vida eu tive um olhar diferente pelos israelenses do que eu acreditava.

(41:32) Os israelenses entendiam que tinha algo errado, entendiam que havia injustiça, que eles precisavam fazer as pazes com os palestinos, que a ocupação era errada, e eles não só simpatizavam com a causa como eles se engajaram conosco, como palestino lutando pelo fim da ocupação, isso começou a mudar um pouco a minha percepção sobre a sociedade israelense. O grande evento da minha vida, que me fez me comprometer com a não violência, foi em 1988, o governo israelense prendeu meu tio, o colocaram para julgamento e eles o deportaram, eles o mandaram embora da terra santa especificamente por causa de seu engajamento da não violência, e para mim foi o começo desta grande jornada de entender qual era o poder desta não violência.

Narração

(42:28) Criado dentro da tradição judaica e conhecedor dos ritos do seu povo, o professor Noam Chomsky exerce um papel assiduamente crítico das religiões e de políticas do estado de Israel.

Noam Chomsky

(42:44) Quando criança, eu achava que seria mais religioso do que meu pai, mas aí eu observei meu avô, que era ultra ortodoxo e eu me lembro uma vez que em um feriado desses nós o estávamos visitando e eu notei que ele estava fumando e eu perguntei ao meu pai como ele poderia estar fumando pois os princípios diziam que a gente deveria saber a diferença. Então meu pai disse “Bom, ele decidiu que fumar é a sua alimentação”, então foi aí que eu percebi que a religião judaica, bem como as outras religiões, se baseiam no conceito de que Deus é uma pessoa imbecil e que nós podemos passar a perna nele, e de fato se você olhar para a história das religiões, eu acho que é realmente isso que acontece. Pascal tem uma tese maravilhosa sobre isso, acho que se chama “The Utility of Interpretations” e lá ele diz como somos capazes de interpretar os livros do Novo Testamento e interpretar isso ao contrário do que ele diz, então se o Novo Testamento te diz “dê aos pobres”, ali existe também uma interpretação de “você deveria manter para você mesmo”. E esta é uma ideia da qual Deus não irá entender

(44:13) Eu cresci durante a Grande Depressão, então as minhas lembranças de infância são de coisas como batendo em portas, tentando vender cera e obviamente passando fome, a maior parte da minha família era da classe desempregada, minha tia era desempregada, meus pais eram professores de hebraico, então nós tínhamos algum dinheiro, não éramos ricos, mas para os padrões da época da Grande Depressão, conseguimos nos virar. Nós tentávamos ajudar os outros membros da família que não conseguiam sobreviver, nós os visitávamos, eles moravam em um apartamento onde todas as camas eram usadas 24h por dia, alguém que ia trabalhar durante a noite, outros que iam trabalhar durante o dia, este era o cenário. E houve também o período do qual o fascismo avançava na Europa, mas aquilo também era algo que estava perto

de casa, nós vivíamos em uma vizinhança em que sua maioria era irlandesa e alemã, eram católicos, e nós sendo uma família judia, eles se mostravam bem antissemitistas. Os garotos se aproximam na rua, você tinha que levantar rápido e pegar suas coisas, saíam da escola a tarde e estavam sempre acenando e falando coisas antissemitas e eu nem queria saber disso, não ia a mesma escola. Mas este era o resultado do que estava acontecendo na Europa, o fascismo estava se espalhando e parecia que ia durar para sempre e nada poderia deter

(46:11) E essas coisas faziam questionar a religião, ela não significava nada se você tem esse tipo de princípio ou se você, você não pode fingir que não está vendo a imoralidade e pregar algo que consiste em violação, isso guia a uma certa direção. Quando eu comecei a estudar, eu discordava de quase tudo que estava acontecendo, durante a segunda guerra, eu estava feliz de estar trabalhando no campo, bem perto de onde eu ia estudar. Alguns garotos da escola falavam coisas e mexiam com os prisioneiros pela cerca e eu e mais algumas pessoas tentávamos impedir esse tipo de situação, essas pessoas eram forçadas a entrar no exército, não sei, mas eles não tinham o direito de fazer isso.

Narração

(47:34) Publicado em 34 idiomas, autor de dezenas de livros, cineasta, Etgar Keret é considerado a maior voz de sua geração.

Etgar Keret

(47:48) Eu conversei com o Chefe de Estado em Aachen, porque eu estava fazendo um trabalho sobre sobreviventes do holocausto e a primeira coisa que o chefe de estado disse foi que ele era uma criança sobrevivente do holocausto. E ele colocou uma foto de um avião F-16 israelense voando sob os portões de Auschwitz atrás dele no gabinete, e eu disse para ele “Eu acho que é bom que você reconheça o passado, mas se eu estivesse no seu gabinete, eu colocaria a foto de uma criança levantando as mãos, com uma estrela amarela pregada na roupa” e também disse a ele “quando nós estamos falando sobre uma tragédia, estamos falando de uma história da qual nós podemos sempre tirar diferentes lições, eu acho que você pode tirar a lição do holocausto que os judeus sempre serão fortes ou serão mortos, ou você pode tirar a lição do holocausto do qual você pode ter compaixão e não ficar no lugar do vitimismo ao invés da vítima. Então o dever pode ser guiado por empatia ou força.”

(49:11) Acredito que alguém possa dizer que deveria ser uma combinação dos dois, mas quando eu vejo um F-16 voando sob os portões de Auschwitz, eu vejo um pedaço de metal em cima de outro pedaço de metal e o que estas duas peças de metal tem em comum é que não tem, uma foi feita nos EUA e a outra foi feita na Polônia. O que eu penso quando estamos falando de tradição, todos nós compartilhamos a mesma história, mas a questão é qual é o tipo de ação, o que é que nós extraímos dessa história. E se eu posso falar da minha própria história, quando eu introduzo minha família, eu sempre digo que eles são a típica família israelense, somos todos loucos. Meus pais são sobreviventes do Holocausto, minha mãe estava em Oschersleben no início da guerra e escapou, meu pai sobreviveu a guerra ficando escondido por 160 dias em um buraco no chão, o que não era esticado o bastante para deitar e nem fundo o bastante para ficar em pé. E sobre minha família, eu tenho 2 irmãos, o mais velho

começou um movimento sobre a legalização da maconha e ele é um cara totalmente de esquerda e anti zionista e quem demonstrou isso várias vezes na Palestina, em West Bank, e há 8 anos atrás ele decidiu sair de Israel com sua esposa, se mudou para a Tailândia, onde ele ainda conduz todas as suas ações sociais de uma casa de 3 andares com internet super rápida.

(51:04) Ele é o mais velho, minha irmã se tornou chassídica, vive em Jerusalém, antes ela vivia em um assentamento e ela tem 12 filhos e 12 netos. Então muita gente me pergunta “Nossa, seus pais ensinaram coisas diferentes para cada filho? Para esse mostrou como fumar maconha, para a outra como rezar para Deus” e eu sempre respondo “não, mas eles nos deram o mesmo legado”, como sobreviventes de guerra, meus pais sempre buscaram que nós transcendêssemos a nossa existência material. A vida toda eles passaram procurando abrigo, procurando comida e eles queriam mais para a gente. E quando eu perguntava ao meu pai “Pai, o que você quer que eu seja quando crescer?” e ele me disse “Sabe, daqui a 30 anos, você será um doutor bem rico, e você vai ter uma esposa linda e uma casa linda. E vai ser aí que eu estarei extremamente decepcionado”, ele não conseguia me explicar positivamente o que ele queria que eu fosse, mas ele conseguia dizer os pontos negativos, “eu não quero que você seja rico, eu não quero que você fique confortável, eu quero que você faça as coisas que eu não pude fazer” e para mim a primeira coisa que aconteceu, comigo e com meus irmãos é que nossos pais nos levaram até o muro e disseram “nós queremos que vocês passem por esse muro, não sabemos o que tem lá, mas podemos ajudar vocês, subam nas costas e pulem”.

